

HISTÓRIA DE VIDA_ JOELA ALVES BADINCA

Sou uma pessoa privilegiada, em todos os sentidos. Tive, tenho e continuarei a ter experiências fantásticas, diferentes das que acontecem a uma pessoa dita normal.

Nasci em Bissau, no Bairro de Bandim. Sou a segunda filha do casal Augusto Alves Badinca e Delfina da Cunha. Tenho 11 irmãos, mas da minha mãe somos apenas 3. Passei a minha infância toda passei em Bissau, momentos bons que já lá vão.

Vim de uma família muito humilde. O meu pai foi professor na Escola Técnica em Bissau. A minha mãe era polícia de ordem pública. Comecei a estudar no Bairro de Belém, na Escola de Agostinho, que funcionava debaixo de uma mangueira, ao ar livre, onde cada criança tinha que levar o seu banco, caderno e lápis. A nossa situação económica nunca foi das melhores, e com o tempo foi se agravando. Os meus pais separaram-se quando eu tinha 7 anos de idade. O meu pai emigrou para Portugal, em 1994. Então, eu e a Neusa, a minha irmã mais velha, fomos viver com a minha mãe.

A minha mãe teve um outro relacionamento, no qual nasceu a Janice, a minha irmã mais nova. Na época, grandes dificuldades financeiras impediam a minha mãe de cuidar das suas 3 meninas, com apenas um salário. Dessa forma, fui entregue à Carla Maria da Graça, uma amiga com quem a minha mãe trabalhava. Ela foi mais do que uma mãe para mim. No entanto, a Carla teve que emigrar para Portugal e deixou-me com o pai dela, Cesar da Graça. Em 2004, entrei para a Universidade Amílcar Cabral, em Bissau, com o objetivo de fazer o curso de Comunicação Organizacional.

Em 2006, já com 23 anos, consegui uma bolsa de estudo para o Brasil, através do intercâmbio que o Brasil realiza com países em África, com os quais mantém acordos educacionais e culturais. Esse intercâmbio foi para mim um passaporte de oportunidades e possibilitou-me condições para conviver com a comunidade universitária, promovendo também o meu crescimento qualitativo do ensino. Conheci a diversidade cultural do Brasil, com ênfase para a Cultura de Goiás, Estado situado na Região Centro-Oeste, e sua bela capital Goiânia, onde fiquei. Morei e convivi com várias pessoas, construí laços, fora e dentro da universidade.

Em Goiânia, como qualquer estudante, também passei dificuldades. Tive que ir para a Casa do Estudante Universitário (CEU), onde tinha que dividir o quarto com 3 pessoas. A convivência não era fácil, mas também foi uma escola para mim, porque tive a chance de conviver com pessoas de vários lugares do Brasil e de outros países. Na verdade, havia dias que saía e não tinha vontade nenhuma de voltar para casa. Mas continuei sempre com o meu sorriso. Assim, me sentia bem e feliz.

1ª Semana da África, em Goiânia

Inúmeras e constantes perguntas sobre o continente africano levou-nos a organizar a 1ª Semana da África, em Goiânia, em comemoração ao Dia Internacional da África (25 de maio). As perguntas eram do gênero: Tu dormes com os animais em África? Tu já encontraste um elefante na rua? O teu país é a capital da África?

Sem contar as inúmeras vezes que ficávamos distraídos e começávamos a falar em crioulo, na camioneta, indo para a universidade: vocês são de onde? que língua vocês estão falando? Enfim, no princípio era bom e até gostávamos de explicar porque estávamos ali e de onde somos. Mas, com o tempo, começou a ficar cansativo ter que responder às mesmas perguntas.

Para a realização da 1ª Semana da África, em Goiânia, montamos painéis com os países africanos, realizamos oficinas, entre elas, oficina de dança e tranças africanas, além de palestras sobre África. Uma das maiores contribuições desse importante evento foi fazer com que o dia 25 de maio passasse a ser comemorado todos os anos em Goiânia como o Dia da África.

Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Goiás

Fiz o curso de Jornalismo na Universidade Federal de Goiás, concretamente na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (FACOMB). Na minha faculdade conheci pessoas de vários lugares do Brasil. Uma destas pessoas foi o Lucas Cardoso Fortuna, que era homossexual e marcou a minha trajetória no Brasil.

Lembro-me como se fosse hoje do dia em que o professor de Jornalismo Internacional, Juarez Ferraz de Maia, pediu ao meu colega Lucas para ministrar uma palestra sobre homossexualidade. Depois da fala dele, o professor Juarez acabou por revelar o que tínhamos conversado em particular: “Com tantas mulheres bonitas no Brasil, não entendo porque homens querem virar mulher”. Falei aquilo sem maldade, foi espontâneo. Em nenhum momento o Lucas sentiu-se ofendido perante a revelação. Depois o professor Juarez ficou lá a explicar, que no meu país a homossexualidade não é algo evidente, **não temos nada disso**, e ele também morou mais de 20 anos em Moçambique, e realmente não era a realidade de alguns países africanos naquela época.

A partir daí, comecei a ver o Lucas com outros olhos e através da explicação dele mudei o meu pensamento em relação aos homossexuais. Expressei-me daquela maneira porque não era da minha realidade, repito, assim como o conhecimento da realidade do continente africano não era do povo brasileiro, em particular do povo de Goiânia. A partir daí, eu e o Lucas passamos a ser amigos, depois dele vieram mais outros e outras homossexuais, como a Elaine Gonzaga, que eu amo de paixão.

Lucas Cardoso Fortuna nasceu em Goiânia, no dia 11.03.1984, e foi assassinado no dia 18.11.2012, em Cabo de Santo Antônio - Pernambuco. Lucas era jornalista, árbitro desportivo e militante político brasileiro. Lucas também fundou o Grupo Colcha de Retalhos, que militava a favor dos direitos dos LGBT, na Universidade Federal de Goiás. Presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) em Santo Antônio de Goiás. Fortuna foi encontrado morto com evidências de espancamento e tortura no município de Cabo de Santo Agostinho, no Pernambuco. Sua morte repercutiu em todo o país, principalmente através das redes sociais. A mim causou uma grande revolta. Tomei conhecimento da morte do Lucas pelo Facebook.

Também tive a oportunidade de conhecer a escritora e professora Iracema Dantas que editou em português e crioulo seu livro “A formiga que virou estrela” e enviou 800 exemplares às crianças da Guiné-Bissau. Iracema trabalhou 11 anos no Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização, um projeto de erradicação do analfabetismo, e idealizou o projeto “É chique falar português” – pela valorização da língua portuguesa, aprovado pelo Ministério da Cultura, em 1999. Iracema se tornou a minha grande amiga quando comecei a escrever o meu trabalho de conclusão de curso. Ajudou-me na organização das minhas pesquisas e na correção do meu trabalho. Posso afirmar que a Iracema é minha outra mãe no Brasil.

Vida em Portugal

Ao voltar do Brasil, decidi parar em Portugal, para rever a minha família e dar continuidade aos estudos. Devido a outras necessidades, resolvi permanecer em Lisboa. O processo de legalização em Portugal não foi fácil. Tive o apoio da Solidariedade Imigrante para me legalizar.

Antes de conseguir a legalização, passei por várias situações constrangedoras, mas a que mais me marcou foi o dia em que a polícia me algemou. Eu estava numa loja africana, no Rossio. De repente, entraram os policiais com o objetivo de prender todos que se encontravam em situação irregular. Infelizmente, eu estava sem o meu passaporte e também o meu visto tinha vencido, mas eu estava a trabalhar. Mesmo assim, algemaram-me juntamente com o resto do pessoal que estava em situação irregular e no final da tarde nos liberaram.

A partir de então, comecei a procurar a forma de ficar legal em Portugal o mais rápido possível. Passadas algumas semanas, recebi uma carta do Serviços Estrangeiros e Fronteiras (SEF) dizendo que eu tinha que abandonar o país, se não o fizesse iriam tomar medidas coercivas contra mim. Nunca tinha ouvido esta palavra em toda minha vida, mas, pelo contexto, percebi que coisa boa não era.

Numa conversa sem intenção de contar nada, alguém me disse que na rua da Madalena em Lisboa há uma Associação que se chama Solidariedade Imigrante – Associação para a Defesa dos Direitos dos Imigrantes (SOLIM) – uma entidade que apoia os imigrantes no processo de

legalização. Uma das condições era ser sócia e pagar uma quota trimestral de 15 euros, o que não era nada perante a resolução de deportação.

Passei a fazer parte da associação. Numa das minhas idas à SOLIM, conheci o Paulo Morais que fazia trabalhos na área de audiovisual para a associação. Pedi ajuda ao Paulo com as fitas cassetes que eu tinha. A partir daí posso dizer que ganhei um aliado para manter o sonho que me perseguia desde a época da universidade, ou seja, ter uma produtora de vídeo.

Festival ImigrArte

O Festival ImigrArte é um dos mais vistos festivais de Lisboa, nele participam várias associações de Imigrantes e outras. Trabalhei com o Paulo no festival.

Assim que tive oportunidade, falei com o Paulo que eu pretendia gravar as atividades dos guineenses e ter um projeto voltado para a comunidade guineense na diáspora. Eu disse que ia pagar, mas que no momento não tinha dinheiro nem para outras coisas. No entanto, a vontade era tão grande que consegui arrecadar dinheiro para pagar a gravação de dois importantes eventos. Depois, Paulo, ao ver o meu entusiasmo, deixou de receber e passou a fazer parte do meu sonho.

Uma das matérias que gravámos foi Miss Guiné-Bissau / Portugal. Depois desta, fizemos várias entrevistas, reportagens e algumas matérias com as associações guineenses em Lisboa. Em seguida, começámos a pensar grande. Entrámos em contato com a então diretora Paula Melo, da TGB (Televisão da Guiné-Bissau), visando a possibilidade de veicular o programa na televisão guineense. A diretora aceitou, produzimos, mas o material nunca foi publicado, em virtude de o governo ter sido derrubado. A partir daí, começámos a fazer reuniões para a criação do **Ecos de nha terra**, mesmo sem saber se iríamos manter esse nome.

Academia Ubuntu e o Projeto “A Voz do Silêncio”

Infelizmente, no dia 28 de junho de 2014, o meu pai sofreu um AVC. Esse fato me impossibilitou de dar continuidade às gravações, pois tinha que trabalhar e cuidar dele.

Entrei para a Academia Ubuntu em 2015. Foi uma experiência única, e deu-me ferramentas para poder realizar coisas que nunca pensei que tinha capacidade de realizar.

Saí da Academia com uma lição para a vida toda. Costumo dizer que todas as vezes que saíamos das sessões da academia, saíamos renovados, fortes e mais ousados.

Também levei o sonho da produtora de vídeo para a Academia Ubuntu, onde fazia vídeos dos meus colegas e apresentei o mini projeto denominado A voz do Silêncio, com o objetivo de produzir vídeos que mostrassem a realidade dos bairros de Lisboa. Infelizmente, minha sugestão não foi aprovada. Mais uma vez o meu sonho foi adiado. No entanto, continuei em frente.

No mesmo ano, a minha mãe teve um AVC, em Bissau. Naquela época já fazia 5 anos que eu não via a minha mãe. Em 2017, o quadro de saúde dela se agravou e ela faleceu no dia 20 de

junho de 2017. Não consegui ir para o velório da minha mãe. Isso me entristece e até hoje não me sinto à vontade para falar nisso. O que me conforta é a possibilidade de saber que as pessoas um dia vão se reencontrar. Espero, então, reencontrar a minha mãe.

Algarve e a Construção da Minha Família

Em junho de 2017 resolvi me mudar para o Algarve - Lagos, a trabalho. Apaixonei-me pela cidade. Trabalhei durante o verão para poder ir realizar a cerimônia da minha mãe, em Bissau. Consegui ir no mesmo ano, em setembro. Após realizar todas as cerimônias, voltei para Portugal.

Em outubro do mesmo ano resolvi mudar para Lagos. Lá, conheci o meu namorado, Simon Douglas Taberman.

O sonho de ter uma produtora de vídeo continua comigo desde o segundo ano da faculdade de jornalismo.

Sempre me questionei porque até hoje a Guiné não tem outro canal televisivo além da TGB, canal estatal. No final do curso decidi escrever um projeto que futuramente poderia dar origem a uma produtora de vídeo. E, quem sabe, um dia essa mesma produtora poderia se transformar num canal televisivo.

Infelizmente, quando fui escrever, encontrei poucos materiais da área. Resolvi escrever sobre as rádios comunitárias do país, e o meu objetivo de estudo foi o programa da Rádio Jovem - ONDAS CULTURAIS.

Ainda no Brasil, fiz vídeos sobre o Dia Internacional da Consciência Negra, Casa dos Estudantes Universitários da UFG, Dia Internacional da África - 25 de maio - e filmei um projeto para a construção da rádio universitária na Guiné.

Em Lagos, inicialmente eu trabalhava o dia todo. No entanto, depois que, junto com o Simon, construí a minha família, e o nascimento da minha filha Emma, as coisas começaram a tomar outro rumo. Hoje afirmo que a Emma me trouxe muita coisa. Vontade de manter o meu sonho vivo e começar a fazer algo para que ele possa se realizar. Voltei a acreditar que tudo é possível.

Ecos de nha Terra – um sonho real

Passados 3 meses após o nascimento da Emma, entrei em contato com o Paulo para voltarmos com o projeto da produtora e dar continuidade ao programa Ecos de nha Terra, que já

existia desde 2014. Ao tomarmos conhecimento de que existe um programa caboverdiano denominado “Nha Terra Nha Cretcheu”, pensamos, igual não pode ser, e o Paulo sugeriu ficar “Ecos da Minha Terra” e eu disse, tem que ser então em crioulo, e assim nasceu o “Ecos de nha Terra”.

Todos têm um sonho, inclusive eu.
Os meus são muitos, mas o que eu gostaria mesmo que realizasse é ter uma produtora de vídeo e um excelente editor de imagem.
Sei que isso exige muito trabalho, garra e esforço.
Acredito e tenho certeza que a Vida tem um excelente plano de futuro para mim.
Sou movida pela fé, alicerce e base das minhas vitórias.

Sinopse

Ecos de nha Terra é iniciativa de um grupo de profissionais de comunicação social e de audiovisual, com o coração na Guiné Bissau. O projeto tem por objetivo informar e divulgar as temáticas sociais, culturais, políticas e econômicas da comunidade guineense, com foco especial nos guineenses que se encontram espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Ecos de Nha Terra assume o formato de magazine cultural e de informação, livre e independente, baseado no respeito, tolerância e direito de opinião. Um espaço aberto a crítica, opinião e discussão, que se enquadrem na linha editorial deste órgão.

O Ecos de Nha Terra é um espaço aberto a parcerias com órgãos de comunicação, grupos, ou entidades, com o objetivo de chegar mais próximo da comunidade guineense.

Estatuto Editorial do Ecos de nha terra

O Ecos de Nha Terra é uma Publicação Periódica Digital, independente, generalista de informação e cultura, num formato multimídia, através do site **www.ecosdenhaterra.com**, centrado na comunidade guineense, na sua cultura e arte, procurando assegurar um local de partilha e encontro entre os guineenses e todos os que de alguma forma se interessam por ela.

O Ecos de Nha Terra é atualizado semanalmente com notícias, reportagens em artigos escritos, reportagens em vídeo e diretos. Proporcionará também um espaço destinado à promoção da discussão e partilha, através de chats e fóruns temáticos, tendo especial enfoque na comunidade guineense espalhada pelo mundo.

O Ecos de Nha Terra respeita a Constituição da República e a Lei da Imprensa e do Código Deontológico dos Jornalistas.

O Ecos de nha Terra é um Magazine Digital online que divulga notícias e informações da comunidade guineense e público em geral, disponível online, podendo assumir mais tarde outros formatos nomeadamente um canal de televisão digital.